

Os Últimos Dias de Immanuel Kant

Tenho por certo que qualquer pessoa medianamente instruída reconhecerá algum interesse na história *pessoal* de Immanuel Kant; ainda que o seu gosto, ou a falta de oportunidade, a tenham impedido de se familiarizar com a história das opiniões filosóficas deste autor. Um grande homem, mesmo quando trilha um caminho impopular, há-de sempre ser objecto da curiosidade liberal. Pressupor um leitor de todo indiferente a Kant é pressupô-lo de todo alheio às coisas do intelecto; por conseguinte, ainda que na realidade esse leitor possa não ver interesse em Kant, as ficções da convivência social assumirão o contrário. Partindo deste princípio, não peço desculpa a nenhum leitor, de filosofia ou não, Vândalo ou Godo, Huno ou Sarraceno por demorá-lo num curto

esboço da vida e dos hábitos domésticos deste filósofo alemão; um esboço feito a partir de registos fidedignos de amigos ou alunos seus. É verdade que neste país, as *obras* de Kant, e não por falta de generosidade dos leitores, não despertam o mesmo interesse que desperta o *nome* do seu autor; e isto pode ser atribuído a três causas — primeiro, a língua¹ em que tais obras são escritas; segundo, a suposta obscuridade da sua filosofia, quer esta obscuridade seja intrínseca às obras ou resultado do particular modo como Kant a expõe; terceiro, porque *toda* a filosofia especulativa seja ela qual for, se torna impopular, independentemente do modo como for abordada, num país onde a estrutura e a tendência da sociedade imprimem a todas as actividades públicas uma orientação quase exclusivamente prática². Seja qual for, porém, a fortuna imediata dos escritos de Kant, nenhum homem a quem a curiosidade ilumine deixará de olhar o próprio autor com o mais profundo interesse. Avaliado por uma só das medidas que revelam a autoridade — i.e., pelo número de livros directamente escritos contra ou a favor dele, sem mencionar os que de forma indirecta tocou — não há escritor filosófico, à excepção de Aristóteles, Descartes e Locke, que possa sequer aproximar-se em extensão ou em profundidade da influência que Kant exerceu nos espíritos dos homens. Sendo estes os direitos que ele nos reclama, repito que não é mais do que um judicioso acto de respeito pelo leitor pressupor nele um interesse suficiente para justificar este breve memorando da vida e dos hábitos do filósofo alemão.

Immanuel Kant³, o segundo de seis filhos, nasceu a 22 de Abril de 1724 na Prússia, em Königsberg, cidade que contava então cerca de cinquenta mil habitantes. Os seus pais eram pessoas de origens humildes, e até com menos posses do que era comum na sua classe social. Graças, porém, à assistência de um parente próximo e de uma pequena ajuda adicional de um cavalheiro que os estimava pela sua piedade e domésticas virtudes, conseguiram dar a seu filho Immanuel uma educação liberal. Foi enviado em criança para uma escola destinada a meninos desfavorecidos; de onde transitou, no ano de 1732, para a Real Academia, também conhecida como Academia de Frederico. Aí estudou os clássicos gregos e latinos e fez amizade com um dos seus colegas, David Ruhnken (famoso mais tarde entre os estudiosos sob o nome latinizado de Ruhnkenius); amizade essa que durou até à morte deste último. Em 1737, Kant perdeu sua mãe, uma mulher de sublime carácter, possuindo dotes intelectuais acima do comum entre as mulheres da sua posição social, e que muito contribuiu para a futura eminência do seu ilustre filho pela orientação que imprimiu às suas reflexões de juventude e pela disciplina moral na qual o formou. Até ao fim da vida, Kant nunca falou de sua mãe sem ser com a mais extrema ternura, ou sem um profundo reconhecimento pelo muito que devia ao seu materno desvelo.

Em 1740, no dia de S. Miguel, Kant entrou para a Universidade de Königsberg. Em 1746, com cerca de vinte e dois anos, escreveu a sua primei-

ra obra sobre uma questão em parte matemática, em parte filosófica: a *Avaliação das Forças Vivas*. Questão esta que fora inicialmente colocada por Leibniz, em oposição aos cartesianos. Uma nova lei de avaliação e não somente uma nova avaliação, eis o que propunha Leibniz; e acreditava-se que a disputa, depois de ter atraído as atenções da maioria dos matemáticos europeus durante quase meio século, havia sido finalmente resolvida. A *Dissertação* de Kant foi dedicada ao Rei da Prússia, mas este nunca a recebeu, pois a obra não chegou de facto a ser publicada⁴ (ainda que tenha sido, segundo creio, impressa). No período que decorre até 1770, Kant subsiste como preceptor ao serviço de sucessivas famílias, ou então apresentando conferências privadas, em Königsberg, dirigidas principalmente a militares, sobre a arte da fortificação. Em 1770, foi nomeado para a cadeira de Matemática que cedo trocou pela de Lógica e Metafísica. Por esta ocasião, pronunciou ele uma lição inaugural (*De mundi sensibilis atque intelligibilis forma et principiis*) que é notável por encerrar o primeiro embrião⁵ da Filosofia Transcendental. Em 1781, publicou a sua grande obra, a *Kritik der Reinen Vernunft* ou *Crítica da Razão Pura*. A 12 de Fevereiro de 1804 morreu em Königsberg.

São estas as grandes datas da vida de Kant. Uma vida que é notável não tanto pelos incidentes mas pela pureza e dignidade filosófica que alcançava na sua conduta de todos os dias. E sobre isto, a melhor impressão poderemos colhê-la nas memórias de Wasianski — que são atestadas e va-

lidadas pelos testemunhos colaterais de Jachmann, Rink, Borowski e outros. Aqui o vemos em luta contra a miséria das suas faculdades em declínio, com a dor, a depressão e o sobressalto de duas doenças diferentes — uma que lhe afectava o estômago e outra a cabeça. Tribulações estas que a benignidade e a elevação da sua natureza superam, como que voando, até ao fim dos seus dias. O principal defeito desta e das outras memórias sobre Kant é o de reservarem pouco espaço para aquilo que terão sido as suas conversas e opiniões. Talvez o leitor se sinta inclinado a lamentar o facto de algumas das anotações serem demasiado minuciosas e circunstanciais e ao mesmo tempo pouco dignificantes, revelando até alguma insensibilidade. No que diz respeito à primeira objecção, poderemos responder que este tipo de notícias biográficas e a devassa da vida privada de um homem, ainda que não corresponda àquilo que um cavalheiro se permitiria escrever, pode no entanto ser lido sem reprovação e, quando se trata de um grande homem, com frequente proveito. Já quanto à segunda objecção, não sei bem como desculpar o Sr. Wasianski por se ter ajoelhado junto à cama do seu amigo moribundo a fim de recolher com a exacta estenografia de um repórter a derradeira palpitação do pulso de Kant e o conflito de sua natureza em agonia; a menos que suponhamos que a concepção idealizada que ele tinha de Kant, como um homem pertencente ao futuro, conseguisse, na *sua* mente, transcender e devorar as restrições comuns impostas pela sensibilidade; e que, assim persuadi-